

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

Área Temática: Negociações Internacionais

Período de Análise: 01/04/2015 a 30/04/2015

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Carta Capital

Estagiária: Yohanan Barros

Índice

Adido em Bruxelas pretende expandir comércio da União Europeia com Brasil – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).02/04/2015	4
Exportação mundial de café caiu em fevereiro; preço sobe em NY. Fernanda Pressinott e Camila Souza Ramos – Valor Econômico, Agronegócios. 07/04/2015	5
Adido na África do Sul pretende promover a competitividade internacional – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 08/04/2015	6
Inscrições abertas para participação de agricultores familiares em feira na África do Sul – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 09/04/2015.....	6
Novas estimativas do USDA mantêm grãos sob pressão. Fernando Lopes, Mariana Caetano, Fernanda Pressinott e Camila Souza Ramos – Valor Econômico, Agronegócios. 10/04/2015	7
Disparada das exportações americanas faz preço subir. Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 13/04/2015	8
Demanda chinesa dá novo status ao sorgo no mercado. Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 13/04/2015	9
Lideranças sindicais discutem em Paris a Agricultura Familiar no atual cenário econômico mundial. Ruth Rodrigues – Site da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG). 16/04/2015.....	11
SRB questiona veto a compra de terras por estrangeiros. Bettina Barros – Valor Econômico, Agronegócios. 16/04/2015	12
Grupos Temáticos definem agenda de trabalho para agricultura familiar do Mercosul – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 16/04/2015	13
China eleva compra de milho do Brasil. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 16/04/2015	14
Queda de braço no campo argentino. Marli Olmos – Valor Econômico, Agronegócios. 17/04/2015	15
Cada vez maior, chinesa Cofco planeja abrir o seu capital. Gregory Meyer – Valor Econômico, Agronegócios. 22/04/2015	17
Brasil compartilha experiências exitosas com países africanos. Tássia Navarro – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 23/04/2015.....	17
Autoridade da ONU vê criminalização da imigração africana na Europa. Marina Dias – Folha de São Paulo, Mundo. 23/04/2015	18
Cargill eleva investimentos no Brasil. Fernando Lopes – Valor Econômico, Agronegócios. 24/04/2015	19
União Européia se aproxima da Monsanto com aprovação na importação de transgênicos – Site da Carta Maior, Meio Ambiente. 30/04/2015	21

Adido em Bruxelas pretende expandir comércio da União Europeia com Brasil – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).02/04/2015

Márcio Rezende Evaristo Carlos é médico veterinário pela UFMG e mestre em tecnologia de alimentos pela Unicamp

“A atuação do adido agrícola tem no seu fundamento a articulação e facilitação nas interações entre o Brasil e os seus parceiros comerciais”. A afirmação é do novo adido agrícola em Bruxelas, na União Europeia, Márcio Rezende Evaristo Carlos, que é médico veterinário pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e mestre em tecnologia de alimentos pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Os adidos agrícolas terão 60 dias, a partir da nomeação, para começarem suas atividades no exterior.

Para ele, um adido agrícola, além do conhecimento técnico, deve conhecer bem o funcionamento, a estrutura e os canais de interlocução tanto no governo brasileiro, quanto no país ou bloco em que vai atuar. “O processo de seleção dos adidos é essencial por permitir a identificação do perfil mais adequado para cada caso, eliminando de forma substancial interferências de outra natureza e garantindo a transparência do processo”, avaliou.

Segundo Márcio, a União Europeia é um dos principais parceiros comerciais do Brasil nos produtos do agronegócio. “Também é um mercado no qual as questões técnicas, não tarifárias, têm um grande peso”, disse. “Pretendo incrementar o diálogo no nível técnico com o objetivo de estabelecer bases sólidas para a manutenção e expansão do intercâmbio comercial, buscando sempre a negociação e o estabelecimento de acordos que permitam melhor acesso dos produtos brasileiros ao mercado europeu”, comentou.

Fiscal federal agropecuário do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), o novo adido exerceu os cargos de diretor de Programas da Área Animal, na Secretaria de Defesa Agropecuária (SDA), coordenador-geral de Programas Especiais no Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal (DIPOA/SDA) e coordenador-geral de Acordos Bilaterais e Regionais, na Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio (SRI).

Além disso, Márcio já trabalhou como assessor especial de ministro e diretor substituto do Departamento de Negociações Sanitárias e Fitossanitárias da SRI. Atuou também como representante da SDA nas negociações do Mercosul com a União Europeia e participou de missões de negociação entre Brasil e União Europeia, no que diz respeito a temas sanitários.

Márcio participou ainda da coordenação e acompanhamento de missões do Food and Veterinary Office, da Comissão Europeia ao Brasil na área de carnes. Foi designado para coordenar as atividades de avaliação da condição sanitária ou de equivalência da legislação e dos sistemas de sanitários agropecuários de Estados Membros da União Europeia interessados em exportar produtos de origem animal ao Brasil.

No Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA), foi chefe de Unidade Veterinária Local e inspetor de produtos de origem animal. Atualmente, trabalha no Serviço de Saúde Animal na Superintendência Federal de Agricultura de Minas Gerais.

Exportação mundial de café caiu em fevereiro; preço sobe em NY. Fernanda Pressinott e Camila Souza Ramos – Valor Econômico, Agronegócios. 07/04/2015

As exportações mundiais de café arábica somaram 5,23 milhões de sacas de 60 quilos em fevereiro deste ano, de acordo com dados preliminares divulgados ontem pela Organização Internacional do Café (OIC). O montante é 6,58% inferior ao de igual intervalo de 2014, mas ficou 0,99% acima dos volumes exportados em janeiro deste ano.

Conforme as informações da OIC, o Brasil permaneceu como líder nas exportações de café da espécie arábica, com 41,88% do total comercializado no mundo em fevereiro. Em números absolutos, foram 2,19 milhões de sacas, conforme a OIC. Esse volume representou um declínio de 12,87% sobre o embarcado em fevereiro de 2014 e de 11,92% ante janeiro deste ano.

Já as exportações mundiais de café da espécie robusta caíram 16,8% em fevereiro na comparação anual e 10,57% em relação ao mês de janeiro, informou a OIC. As vendas somaram 2,63 milhões de sacas de 60 quilos.

Segundo a entidade, o Vietnã continuou como líder mundial de vendas da espécie robusta, com 56,91% do total negociado e 1,5 milhão de sacas vendidas. O Brasil ficou em quarto colocado no ranking mundial dos exportadores de robusta em fevereiro. O país vendeu 249,32 mil sacas de conilon ao exterior, 9,46% do total.

No mercado futuro, os contratos do café arábica registraram forte valorização ontem na bolsa de Nova York, ampliando os ganhos da semana passada, reflexo da desvalorização do dólar em relação ao real nos últimos dias. Os lotes do grão para entrega em maio fecharam com alta de 3,76%, ou 530 pontos, a US\$ 1,462 a libra-peso.

Segundo o corretor Marcus Magalhães, da Maros Corretora, entre os fatores que sustentaram a alta do café estão a queda do dólar ante o real, que desestimula os produtores brasileiros a ofertarem seu produto no mercado, e ajustes técnicos, já que os investidores estavam com "a sensação de que os níveis estavam excessivamente vendidos".

Para Rodrigo Costa, que assina relatório mensal da Archer Consulting, a aproximação do período de colheita da safra brasileira de café 2015/16 "dá espaço para mais ganhos". Além disso, os investidores estão aumentando suas apostas compradas e vendidas, ampliando a volatilidade do mercado nos últimos dias. "Um movimento acima de 150 centavos [de dólar] pode desencadear uma enxurrada de recompras, assim como uma queda abaixo de 125 a 128 centavos deve trazer vendas mais fortes", projetou o analista.

Adido na África do Sul pretende promover a competitividade internacional – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 08/04/2015

Juliano Vieira é analista de Relações Internacionais da Embrapa, cedido ao Ministério da Agricultura

Bacharel em Relações Internacionais, especialista em Gestão do Agronegócio e mestrando em Agronegócio pela Universidade de Brasília (UnB), o novo adido agrícola na África do Sul, Juliano Vieira, pretende colaborar para a promoção da competitividade internacional do agronegócio brasileiro. Os adidos têm até 60 dias a partir da designação para assumirem os postos.

“Como especialista na área agrícola, deverei sugerir ações institucionais que intensifiquem o comércio agrícola do Brasil com a África do Sul”, comentou Vieira. “Além da manutenção do market share já conquistado, será importante propor estratégias para o incremento e diversificação da pauta exportadora”, finalizou.

Vieira é analista de Relações Internacionais da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), cedido à Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio (SRI), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) desde 2009. Na SRI, atuou como ponto focal para cooperação técnica internacional, em especial no que diz respeito aos projetos e iniciativas relacionadas aos países do continente africano e exerceu funções de assessoramento internacional ao ministro de Estado e ao secretário da SRI.

Além disso, participou de cursos de extensão nas áreas de negociações internacionais na Dominican University em Chicago, nos Estados Unidos, assim como na Universidade de Buenos Aires, na Argentina. Também participou de missões oficiais do governo brasileiro em visita à África do Sul, Nigéria, Itália, Geórgia e Argentina e por duas vezes foi contemplado com bolsa de estudos para participar do European Visitors Program (EUVP), oferecido pela União Europeia, e do Dutch Visitors Program (DVP), realizado no Reino dos Países Baixos.

Inscrições abertas para participação de agricultores familiares em feira na África do Sul – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 09/04/2015

O Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) convida empreendimentos da agricultura familiar e reforma agrária para participar da feira internacional Saitex (Southern African International Trade Exhibition) que será realizada de 21 a 23 de junho de 2015, em Joanesburgo, na África do Sul. O MDA vai selecionar até seis empreendimentos para expor produtos de produção própria. Os interessados podem fazer a inscrição até o dia 19 de abril.

O empreendimento que deseja participar deve verificar os requisitos da Chamada Pública, preencher um formulário e enviá-lo para feiras.mda@mda.gov.br. É o terceiro ano seguido que o MDA apoia a participação dos empreendimentos da agricultura familiar nessa feira, sendo o primeiro ano com estande próprio.

O estande do Brasil – Agricultura Familiar contará com um espaço de 63 m² que será compartilhado entre os expositores brasileiros selecionados. O objetivo é promover a imagem e os produtos da agricultura familiar brasileira e ampliar mercados, oferecendo oportunidade de negócios às cooperativas e associações com compradores de todas as partes do mundo.

No evento, os expositores poderão divulgar os produtos, promover degustações, agendar visitas, encontrar fornecedores e compradores, conhecer novas tecnologias e prospectar ou realizar negócios. Não será permitida a venda direta de produtos aos visitantes e compradores.

A Organização da Missão Comercial à África do Sul, por ocasião da participação do Brasil na feira Saitex 2015, é uma iniciativa do MDA, em parceria com o Ministério das Relações Exteriores (MRE) e a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO).

Novas estimativas do USDA mantêm grãos sob pressão. Fernando Lopes, Mariana Caetano, Fernanda Pressinott e Camila Souza Ramos – Valor Econômico, Agronegócios. 10/04/2015

O Departamento de Agricultura dos EUA (USDA) divulgou ontem mais um relatório mensal de oferta e demanda de grãos no país e no mundo carente de novidades, mas os poucos ajustes dignos de nota efetuados nas estimativas do órgão para esta safra 2014/15 apenas corroboraram um cenário já conhecido de cor e salteado pelo mercado: há tempos as relações entre produção e consumo globais de milho, trigo e soja não são tão confortáveis.

O quadro mantém a pressão sobre as cotações internacionais dessas commodities, que também têm sido afetadas pela valorização do dólar em relação a outras moedas, inclusive o real. Má notícia para os exportadores, ainda que os brasileiros estejam sendo beneficiados pelo câmbio, mas sempre um alívio para os custos de alimentos e rações - e, conseqüentemente, para os índices inflacionários de um planeta que ainda abriga aproximadamente 1 bilhão de famintos.

Para o milho, grão mais produzido do mundo, o USDA elevou sua previsão para a colheita em 2014/15 para 991,92 milhões de toneladas, pouco mais de 2,2 milhões de toneladas acima do projetado em maço e volume, recorde, 0,3% superior ao do ciclo 2013/14. Como o órgão reduziu sua estimativa para a demanda mundial na temporada, a conta para os estoques finais ganhou quase 3,2 milhões de toneladas, que passaram a ser dimensionados em 188,46 milhões, 10,3% mais que na safra passada. As estimativas do USDA para produção e embarques do Brasil no ciclo atual foram mantidos em 75 milhões e 20,5 milhões de toneladas, respectivamente.

No tabuleiro do trigo, as alterações promovidas pelo USDA foram mais discretas. O órgão corrigiu para cima suas projeções para produção e demanda globais - a 726,45 milhões e 715,82 milhões de toneladas, respectivamente -, mas o resultado nos estoques finais foi píffio: redução de 500 mil toneladas em relação à previsão de março, para 197,21 milhões de toneladas, um aumento de 5,7% na comparação com o ciclo 2013/14. Diferentemente do que acontece no milho e na soja, nesse mercado o Brasil é um dos

maiores importadores do mundo e, segundo o USDA, as compras do país no exterior somarão 7,07 milhões de toneladas em 2014/15.

No caso da soja, carro-chefe do agronegócio brasileiro, as mudanças perpetradas pelo USDA foram ainda mais irrelevantes. A projeção do órgão para a produção global ganhou 400 mil toneladas em relação ao quadro pintado em março e chegou a 315,46 milhões de toneladas, ao passo que a demanda foi inflada em 420 mil toneladas e agora está estimada em 288,92 milhões. Resumo da ópera: estoques finais em 2014/15 de 89,55 milhões de toneladas, um expressivo incremento de 35% na comparação com a safra 2013/14.

Exatamente como no milho, na soja o Brasil encerrará a temporada atual como o segundo maior exportador do mundo, atrás dos EUA. O USDA manteve sua previsão para os embarques brasileiros da oleaginosa em 46 milhões de toneladas, quase 2,3 milhões a menos que os americanos, e também não alterou sua projeção para a colheita do país (94,5 milhões), que já está quase encerrada. Tanto a produção brasileira quanto a dos EUA (108,01 milhões) são recorde em 2014/15. Já as importações de soja da China, que puxam as compras do grão no mercado internacional, foram mantidas em 74 milhões de toneladas.

De acordo com os números do USDA, a situação mais confortável é justamente a do mercado de soja, no qual os estoques finais globais em 2014/15 representam 28,4% da produção. No caso do trigo, o percentual fica em 27,1% e no do milho, em 19%. Diante desses níveis de abastecimento, de um modo geral, os analistas veem pouquíssimo espaço para recuperações expressivas dos preços internacionais do trio.

Disparada das exportações americanas faz preço subir. Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 13/04/2015

O entusiasmo é notável entre os produtores de sorgo dos Estados Unidos. E não é para menos. Nas últimas três safras, as compras do grão americano pelos chineses passaram de praticamente zero a 7,82 milhões nos primeiros sete meses do ciclo 2014/15. O resultado? "Os preços, que estavam 5% abaixo dos do milho, agora estão 8% acima", afirma Tim Lust, CEO da National Sorghum Producers, entidade que representa produtores de sorgo dos EUA.

O milho está sendo negociado à média de US\$ 3,70 por bushel (medida equivalente a 25,2 quilos) no mercado americano, enquanto o sorgo está em US\$ 3,90. Essa diferença indica valorização de 5,4%, mas prêmios pagos internamente e no porto levam as cotações a ficarem até 8% mais valorizadas em algumas regiões, conforme Lust. Além do preço mais alto, a margem do sorgo está mais atraente. Nas contas do CEO, o custo de produção do milho está em US\$ 4 por bushel, e o do sorgo, em US\$ 3,75.

Com os negócios aquecidos, o Departamento de Agricultura do país (USDA) elevou na última semana sua projeção para as exportações de sorgo dos EUA, de 7,62 milhões para 8,89 milhões de toneladas no ciclo 2014/15. A expectativa é que a área plantada no país também avance.

No fim de março, o USDA projetou uma alta de quase 11% no plantio do grão na nova safra 2015/16, a 3,2 milhões de hectares. "Mas esse aumento pode ser de até 20%", projeta Lust. O sorgo cultivado nos EUA é do tipo convencional, semeado entre fevereiro e junho e colhido de julho a novembro. O país é o maior produtor global, com uma safra próxima de 11 milhões de toneladas.

Além dos americanos, a Austrália e a Argentina vêm se beneficiando da demanda chinesa. Em março, o país sul-americano enviou seu primeiro carregamento de sorgo à China, de 44 mil toneladas, liberado após autorização oficial em novembro de 2014. A área com sorgo na Argentina caiu na safra 2014/15 a 880 mil hectares, mas a expectativa do USDA é que na próxima temporada volte aos níveis de 2013/14 (1,08 milhão de hectares). Para as exportações, a previsão é de um volume de 1,5 milhão de toneladas em 2015/16.

Apesar da euforia, cresce o debate sobre a possível sazonalidade do interesse chinês. Pedro Dejneka, da AGR Brasil, sugere cautela. "Vai depender muito de quanto tempo os chineses vão levar para desovar seus estoques de milho". Também não se sabe se Pequim poderá adotar alguma medida restritiva às importações da commodity, diante de tamanha escalada.

Os produtores americanos ancoram sua confiança na tendência de aumento no consumo chinês de carnes. "O crescimento dos produtos alimentícios continua a estabelecer a demanda por grãos", diz Lust. O USDA também estima incremento das compras de sorgo na próxima década. Projeção divulgada pelo órgão em fevereiro indica que os chineses tendem a importar cerca de 5,84 milhões de toneladas por ano até 2024/25 - número já ultrapassados neste ciclo. Para o milho, no mesmo intervalo, a previsão caiu de 22 milhões para 6,5 milhões de toneladas.

Demanda chinesa dá novo status ao sorgo no mercado. Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 13/04/2015

Considerado o "primo pobre" do milho, o sorgo se tornou o "grão da vez" no mercado mundial graças a uma nova jogada da China. Em busca de alternativas mais baratas para a ração animal, o país asiático deflagrou uma ofensiva de importação de sorgo que já mexe com as intenções de plantio nos Estados Unidos e na Argentina e chama a atenção de agricultores brasileiros. Ainda não está clara qual será a extensão da demanda chinesa pelo cereal, mas a fresta aberta pelo gigante, dado seu incomparável apetite, foi o suficiente para gerar grande expectativa.

"Se há demanda, é claro que desperta a curiosidade do agricultor", diz Almir Dalpasquale, presidente da Aprosoja Brasil, associação que representa produtores de grãos do país. No curto prazo, acrescentou ele, esse movimento chinês não tende a mudar muito para o Brasil, mas há potencial num horizonte futuro. "A China está investindo pesadamente em sua produção de milho, para garantir sua independência. Aí vem o sorgo, em uma provável mescla para alimentação animal". Grande fornecedor de soja à China, o Brasil vem há anos tentando emplacar a exportação de maiores volumes de milho ao país asiático, sem sucesso.

A transformação do sorgo em cisne não passou despercebida à FAO, braço das Nações Unidas para agricultura e alimentação. A entidade prevê um declínio de 8,45 milhões de toneladas no comércio mundial de milho nesta safra 2014/15, a 116 milhões de toneladas. E estima uma elevação de quase 4 milhões de toneladas nas negociações de sorgo, para 10,5 milhões de toneladas - a maior parte destinada à China, que já é o maior comprador do grão. A comercialização de milho é incontestavelmente mais expressiva, mas não se pode negar que há uma mudança em curso nesse mercado.

O sorgo do tipo granífero é substituto do milho na alimentação de aves, suínos e mesmo de bovinos. Segundo Cicero Menezes, pesquisador da Embrapa Milho e Sorgo, o valor nutritivo do grão é menor que o do milho, mas pouco - de 5% a 10%. "E o sorgo tem mais proteínas que o milho", diz. Ainda pouco popular no Brasil, a produção do grão deverá somar ínfimas 1,99 milhão de toneladas em 2014/15, 5,3% acima da safra passada, conforme a Conab.

A demanda firme por ração na China - o país é um dos principais produtores mundiais de carnes - e os preços elevados do milho em seu mercado têm sido importantes vetores desse reordenamento em favor do sorgo. Os elevados subsídios de Pequim aos produtores de milho encarecem o grão aos criadores chineses: as cotações internas equivalem hoje a entre US\$ 9 e US\$ 10 por bushel, mais que o dobro do patamar de US\$ 3,70 a US\$ 3,90 por bushel na bolsa de Chicago, de acordo com Pedro Dejneka, sócio-diretor da consultoria AGR Brasil, em Chicago. "Antes, o confinador na China buscava milho no exterior, mas o governo passou a colocar empecilhos para forçar a compra no mercado interno, porque há estoques de quase 100 milhões de toneladas no país", afirma ele.

Muitos analistas relacionam a corrida chinesa ao sorgo à devolução de carregamentos de milho transgênico dos EUA. Entre o fim de 2013 e o início de 2014, a China mandou de volta para os americanos ao menos 1 milhão de toneladas do grão com traços do MIR 162, um transgênico da multinacional Syngenta que não era aprovado no país asiático. A autorização saiu mais tarde, em dezembro de 2014, mas as aquisições do sorgo americano já vinham acontecendo antes disso - e continuaram firmes e fortes.

Uma questão tarifária também tem servido de combustível às importações da China. O país possui um sistema que impõe taxas às compras de milho acima da cota estabelecida - que está próxima de 3 milhões de toneladas -, mas existe uma brecha que dá maior flexibilidade à aquisição de outros grãos voltados à alimentação animal, como o sorgo. "Não acredito que os chineses farão o mesmo que fizeram com a soja, mas o sorgo pode, cada vez mais, gerar oportunidades para os produtores", diz Dejneka.

Maior produtor de sorgo do Brasil, responsável por um terço da colheita total, Goiás tem potencial para ampliar significativamente a área dedicada à cultura, na avaliação de Bartolomeu Braz Pereira, vice-presidente da Faeg, federação que representa agricultores e pecuaristas do Estado. Na safra de verão, as lavouras goianas ocupam 3,2 milhões de hectares com soja, mas apenas pouco mais de 1 milhão de hectares na safrinha, que é dividida entre milho e sorgo. "Os 2 milhões restantes são áreas com janela de chuvas aptas ao sorgo. Eu mesmo poderia até triplicar minha produção se demanda e logística fossem viabilizadas", diz Pereira, que cultiva 400 hectares de sorgo em Padre Bernardo e Niquelândia, norte do Estado.

O sorgo é mais resistente à escassez hídrica e costuma ser a aposta dos agricultores quando o calendário do plantio de milho aperta. O grão também é menos exigente em adubação, embora não se possa descuidar desse trato. De acordo com Menezes, da Embrapa, o sorgo tem raiz profunda, que vai buscar nutrientes. "Se o agricultor não aduba, o solo se exaure e a soja que vem depois tem dificuldades. Essa prática tem deposto contra o sorgo", diz.

O fato é que o custo de produção do sorgo chega a ser 40% menor que o do milho - R\$ 1.400 por hectare atualmente, segundo Bartolomeu Pereira. O consultor Enio Fernandes, da Terra Agronegócio, pondera, contudo, que muitas vezes essa diferença pode diminuir para 10%. E que o milho normalmente dá mais retorno econômico, porque a produtividade é maior e o preço costuma ser mais elevado.

O rendimento médio do sorgo está em 2,7 mil quilos por hectare no Brasil, e o do milho, em 5,2 mil. Já a cotação da saca de 60 quilos do sorgo está em R\$ 19 em Goiás, 25% abaixo da de seu rival. "Mas é um mercado de oportunidade, que não deve ser desprezado", afirma Fernandes.

Além de Goiás, especialistas apontam oportunidade de avanço do sorgo em outros Estados do Centro-Oeste e na região conhecida como "Mapitoba" (confluência de Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia), regiões sujeitas a veranicos no inverno - embora também se façam necessários investimentos em melhoramento genético. "Se o sorgo ganhasse o mesmo tratamento do milho, seria mais competitivo, com produtividade similar ou até maior", diz Rubens Miranda, pesquisador da Embrapa Milho e Sorgo.

Lideranças sindicais discutem em Paris a Agricultura Familiar no atual cenário econômico mundial. Ruth Rodrigues – Site da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG). 16/04/2015

O secretário de Política Agrícola da CONTAG, David Wylkerson, e demais integrantes do comitê executivo da UISTA ACT, debatem novas alternativas e estratégias para o setor, afetado pela atual crise econômica mundial.

Desde segunda-feira, 13, lideranças sindicais integrantes do comitê executivo da UISTA ACT (União Internacional dos Trabalhadores na Agricultura, Alimentação e Indústria Alimentária) estão reunidas em Paris, França, para discutir e traçar os novos rumos da Agricultura Familiar no atual cenário econômico mundial. A equipe, ligada à FSM (Federação Sindical Mundial), representada por 21 entidades de 19 países da Ásia, América, África e Europa, estará reunida até o próximo dia 17, na capital francesa, para buscar alternativas e estratégias, a fim de reduzir os danos causados ao setor pelo atual momento de instabilidade econômica.

O secretário de política agrícola da CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura e membro da UISTA ACT, David Wylkerson, participa do evento representando a Fetag-BA (Federação dos Trabalhadores na Agricultura) e a CTB (Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil). Para ele, uma das preocupações do encontro é garantir a autonomia e soberania alimentar, principalmente em países latino americanos como o Brasil.

“De nossa parte é reconhecido o avanço que a Agricultura Familiar tem alcançado no Brasil, a partir dos governos de Lula e Dilma. No entanto, também é consenso entre todos os movimentos representantes dos trabalhadores do campo que ambos os governos, popularmente eleitos, têm atendido mais ao setor do agronegócio em detrimento da agricultura familiar”, denuncia David.

O grupo discute também a organização da IV Conferência da UISTAACT, que deve contar com a participação de aproximadamente 200 delegados, de mais de 100 países. Segundo o secretário, já foi definido que também será em Paris, no final de 2016. Ele ainda informou que no final de novembro ou início de dezembro deste ano, haverá no Brasil um encontro regional preparatório para o evento.

“Não temos dúvidas da importância de participarmos de reuniões como esta, pois nos permitem conhecer a realidade de outros países e elevam o nosso conhecimento, aumentando a nossa responsabilidade frente aos interesses dos que dependem de nossa ação sindical, ou seja, os agricultores e agricultoras familiares, responsáveis pela comida que chega à mesa do povo brasileiro”, pontuou David.

SRB questiona veto a compra de terras por estrangeiros. Bettina Barros – Valor Econômico, Agronegócios. 16/04/2015

A Sociedade Rural Brasileira (SRB) decidiu questionar judicialmente a proibição de aquisição de terras por estrangeiros no Brasil. A entidade entrará hoje com uma Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) no Supremo Tribunal Federal, a fim de reverter uma interpretação da Advocacia-Geral da União (AGU) de 2010.

De acordo com o presidente da SRB, Gustavo Diniz Junqueira, a decisão foi tomada após quatro anos de conversações com representantes do Executivo e Legislativo. "Somos uma entidade centenária e tentamos não usar o caminho jurídico. Mas depois de negociar vários caminhos na esfera política, conversando com todos que têm algum poder sobre esta interpretação, não temos outra opção a não ser entrar com a ação no STF para mostrar a sua inconstitucionalidade", afirmou ele em entrevista ao Valor.

De acordo com o dirigente, a questão se tornou uma das maiores preocupações da entidade por afugentar investimentos de bilhões de dólares do país - e não só referentes ao agronegócio, mas de segmentos da economia que incluem também mineração, indústria automotiva e até o sistema financeiro, atingido via financiamentos lastreados em garantias hipotecárias.

Por esse motivo, Junqueira acredita que o questionamento no STF atrairá outras empresas e associações afetadas pelo parecer da AGU, que deverão endossar a ação na condição de "amicus curiae". Entre outros aspectos, esses "amicus" podem contribuir com a produção de memorandos para elevar as argumentações favoráveis à causa no Supremo. Junqueira afirmou ter recebido sinalizações de diversas entidades, mas preferiu não mencioná-las.

A AGU publicou em 2010, com o aval do então presidente Lula, uma nova interpretação da lei de controles sobre as aquisições de terras por estrangeiros no Brasil.

O parecer restringe a compra de áreas agricultáveis por pessoas físicas e jurídicas de fora do país.

A intenção apresentada pelo governo federal à época foi fechar o cerco sobretudo a investidores chineses e árabes, que passaram a buscar no Brasil uma forma de garantir abastecimento alimentar. Recentemente, a Austrália adotou medidas similares para conter o avanço de investidores chineses em áreas rurais.

Desde 2010 até o ano passado, o Brasil registrou uma valorização média de 100% nas terras agrícolas. Conforme levantamento da AgraFNP, o hectare de terra nua (que exclui benfeitorias) registrou um aumento médio de R\$ 4.800 para R\$ 9.600. Em Estados com forte vocação agrícola e estoque de terra a ser semeada, essa média foi ainda maior no período - caso do Pará, com aumento de 150%. Em Mato Grosso, principal produtor agrícola nacional, a alta foi de 137%.

Questionada, a AGU respondeu por e-mail que seu parecer é "inteiramente compatível com a Constituição Federal", mas que somente se manifestará "de forma mais detalhada no momento processual oportuno".

Grupos Temáticos definem agenda de trabalho para agricultura familiar do Mercosul – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 16/04/2015

Os Grupos Temáticos da Reunião Especializada sobre Agricultura Familiar do Mercosul (Reaf) se reuniram, em Montevidéu, para discutir propostas e definir uma agenda de trabalho para a XXIII Reaf Mercosul. O encontro será realizado no Brasil entre 15 a 18 de junho. Os Grupos Temáticos tratam de Políticas de Equidade de Gênero, Juventude Rural, Mudanças Climáticas e Gestão de Riscos, Políticas Fundiárias de Acesso à Terra e Reforma Agrária e Facilitação do Comércio.

O encontro desta semana ocorreu em Montevidéu, no Uruguai, com a participação de representantes do Brasil, Uruguai, Argentina, Paraguai, Venezuela, Bolívia, Chile e Equador.

O coordenador de comercialização da Secretaria da Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário (SAF/MDA), Igor Teixeira, coordenou o GT de Facilitação de Comércio. “As delegações debateram suas conquistas, avanços e desafios em torno do tema das compras públicas e do abastecimento regional de produtos da agricultura familiar, colocando a questão do comércio regional e do fortalecimento das organizações como pauta central a ser potencializada pela Reaf”, destaca Teixeira.

O GT de Facilitação de Comércio apontou, como recomendação para a Reaf: dar continuidade a estratégia de difusão do Selo da Agricultura Familiar como identificação de origem, sobretudo para contribuir com os países que ainda estão iniciando o desenho da marca; a troca de experiência sobre o tratamento da vigilância sanitária, no âmbito da agricultura familiar; o estímulo à promoção de feiras regionais que permitem o intercâmbio de produtos e serviços entre os países; a continuidade das discussões sobre associativismo e cooperativismo; bem como o avanço na análise de instrumentos que facilitem o intercâmbio de produtos da agricultura familiar na perspectiva de abastecimento e soberania alimentar.

Reaf Mercosul

Antes da XXIII Reaf Mercosul marcada para junho, ocorrerá mais uma reunião preparatória, na Seção Nacional Brasileira.

A Presidência Pro Tempore da REAF e do Mercosul é do Brasil. Isso significa que o cargo é exercido durante o período de seis meses por um chefe de Estado de um dos países membros.

China eleva compra de milho do Brasil. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 16/04/2015

Ainda é pouco, mas a China começa a participar mais da cota das exportações de milho do Brasil. Após acordo assinado entre os dois países, o cereal brasileiro tem caminho livre para esse mercado asiático.

Praticamente ausentes do mercado brasileiro até então, os chineses compraram 52 mil toneladas de milho no primeiro trimestre, conforme dados da Secex (Secretaria de Comércio Exterior).

Tradicional importadora de soja, a China começa a aumentar também as compras de milho, devido à maior demanda de cereal na produção de proteínas no país.

Em 2010, os chineses produziam 50,7 milhões de toneladas de carne suína. Neste ano, a produção deverá superar os 57 milhões de toneladas. Mesmo assim, o volume será insuficiente para a demanda interna de 58,3 milhões de toneladas.

O aumento da população nas cidades elevou a demanda por carnes, e a produção chinesa de milho de 214 milhões de toneladas -embora venha crescendo- não é suficiente para a demanda interna.

O aumento da demanda por milho na China é uma boa saída para o produto brasileiro. O país tem área disponível, e a produção do cereal vem aumentando nos últimos anos, principalmente em Mato Grosso, líder na soja.

Mas os números da importação chinesa no Brasil ainda são pequenos em relação aos de outros países da própria Ásia. Líderes nas compras do produto brasileiro, os vietnamitas levaram 1,28 milhão de toneladas do cereal nos três primeiros meses do ano. Outro quatro países asiáticos -Indonésia, Malásia, Taiwan e Coreia do Sul- também tiveram presença marcante na compra do cereal brasileiro.

O Japão, que há um ano era um dos líderes nas compras do produto brasileiro, voltou-se para os EUA, país que recompôs a produção, afetada pela seca de 2012.

*

BOI GORDO

Arroba aumenta para até R\$ 152 em SP

A oferta menor para as escalas de abate dos próximos dias fez com que os frigoríficos pagassem até R\$ 152 por arroba de boi gordo no noroeste paulista, segundo a Informa Economics FNP. O boi mantém alta de 22% ante o preço de abril de 2014.

Governo já admite elevar a mistura de biodiesel

A Abiove (Associação das Indústrias de Óleos Vegetais) defende a taxa de mistura de biodiesel ao diesel acima de 7% em algumas regiões.

O Centro-Oeste seria uma delas. O litro do diesel S-10, com baixo teor de enxofre, chega a R\$ 3,34 para o consumidor. O biodiesel pode ser retirado das usinas por R\$ 2,20.

Enquanto não se tem um marco regulatório, setores do próprio governo veem com bons olhos a ampliação da mistura em algumas regiões.

Países como Argentina e Indonésia já utilizam 10% de mistura, enquanto o Brasil adotou 7% só em 2014.

A produção nacional vem crescendo e atingiu 3,5 bilhões de litros no ano passado, 17% mais do que em 2013. Para este ano, a projeção é que o setor aumente 20%.

*

Pressão interna Os preços das principais commodities caem no mercado internacional. Algumas delas, no entanto, continuam em alta internamente devido à valorização do dólar. O resultado é uma pressão na taxa de inflação. A soja é uma delas.

Em queda Negociada com recuo de 36% na Bolsa de Chicago em relação aos preços praticados há um ano, a oleaginosa está com alta de 7,4% no mercado atacadista, segundo dados do IGP-10, índice apurado pela FGV.

Carnes Outro item de pressão no atacado, e que acaba refletindo no bolso do consumidor, é a carne bovina, que subiu 1,51% no atacado neste mês, segundo o IGP-10. Já a carne de frango, com a queda nas granjas, deverá diminuir a pressão para o consumidor.

Desaceleração A exportação de etanol está com ritmo fraco neste mês, conforme dados da Secex (Secretaria de Comércio Exterior). Mesmo com o câmbio favorável, as vendas externas recuaram 84% ante as de abril de 2014.

Queda de braço no campo argentino. Marli Olmos – Valor Econômico, Agronegócios. 17/04/2015

Uma vez deflagrada a colheita de soja desta safra 2014/15, os produtores argentinos temem uma nova onda de ataques a seus silos-bolsa. No início do ano, multiplicaram-se os casos de vândalos que, com simples canivetes, rasgaram as bolsas de plástico que armazenavam os grãos de temporadas anteriores. Apesar da ameaça, é grande a tentação de estocar os maiores volumes possíveis e esperar o melhor momento para exportar. Mas, por outro lado, recente pesquisa indicou que os agricultores estimam que serão obrigados a vender 45% do que colherem agora para cobrir despesas.

É a última safra de grãos do mandato da presidente Cristina Kirchner, e o silo-bolsa se transformou em um símbolo do marcante conflito do governo com o campo, que não dá mostras de arrefecer. A seis meses de uma nova eleição presidencial, a Casa Rosada continua a pressionar os produtores. Quer as vendas a todo vapor. Estrela argentina no

comércio exterior, a soja ressurge como uma alternativa desesperada para salvar as reservas de dólares do país.

Os agricultores resistem, mas refutam as informações de que esperam não apenas melhores preços para vender, mas também a chegada do novo governo. A eleição renova a esperança de redução nos impostos de exportação e mudanças - ou eliminação - do sistema de cotas, que serve para controlar a venda externa de grãos como o trigo para forçar a queda dos preços domésticos.

Há quem diga que os silos-bolsa cheios de grãos já alcançam, juntos, uma extensão de 2,6 mil quilômetros. É a distância de São Paulo até Belém (PA) ou, no caso argentino, de Buenos Aires a Ushuaia, a cidade conhecida como o fim do mundo. "Acham que temos um estoque suficiente para chegar à lua", ironiza o produtor Santiago del Solar, diretor da Consórcios Regionais de Experimentação Agrícola (CREA).

Segundo recente pesquisa do CREA, apenas 8% da colheita de soja do ciclo passado (2013/14), ou pouco mais de 4 milhões de toneladas, está nas mãos dos produtores. Foi a mesma pesquisa que sinalizou que os produtores poderão vender o mais rapidamente possível 45% da colheita que está começando e que poderá chegar a 58 milhões de toneladas, um novo recorde histórico.

Com cerca de 70 metros de extensão e 2,7 metros de diâmetro, um silo-bolsa armazena 250 toneladas. O equipamento surgiu há mais de duas décadas como solução para o produtor manter seu estoque no campo a custos reduzidos enquanto espera o transporte ou o momento mais favorável para a comercialização. Ou até uma troca de governo.

"O uso do silo-bolsa atinge níveis exagerados na Argentina quando comparado a outros países", afirma o analista Leonardo Sarquis, da Agrositio. Em seus cálculos - e os cálculos divergem muito no país atualmente -, cerca de 40 milhões de toneladas de grãos em geral repousam nos silos-bolsa. Isso equivale a 40% da produção total do país.

Segundo Sarquis, a situação deriva de impostos de exportação que ele considera "distorsivos" e desestimulantes. Tanto que a pesquisa do CREA, que ouviu 757 produtores, mostrou que a área plantada de grãos poderá cair quase 10% no país no ciclo 2015/16. Mas esse sentimento também prevalecia antes da semeadura da safra 2014/15, que resultou em colheita recorde de soja.

A tributação das exportações dos produtos agropecuários argentinos entrou em vigor em 2002 e foi gradualmente elevada. Hoje varia de 21% a 35%, e é a venda da soja ao exterior que paga a alíquota mais alta. "O Estado fica com 80% do que o produtor ganha com a exportação", diz Santiago del Solar. Os impostos federais, afirma o diretor do CREA, representam 95% do total tributado.

Por conta desse cenário, Del Solar diz que principalmente os produtores de regiões mais ao norte do país, como Salta e Tucumán, têm tido muitas dificuldades para produzir.

Outro problema se refere ao que os argentinos chamam de "retenciones", que são os controles de exportação de produtos como o trigo. Nesse contexto, Sarquis diz que a falta de estímulo ao plantio do trigo e milho, com predomínio da soja, faz com que a rotação de culturas na Argentina diminua cada vez mais, o que prejudica a qualidade do solo.

A produção do trigo é uma das mais afetadas. Del Solar afirma que, das 15 milhões de toneladas da última safra, o governo autorizou a exportação de 2 milhões. A ideia é garantir farinha a preços baixos no mercado doméstico. "Mas o consumo interno não passa de 5 milhões, o que significa que sobra o equivalente a quase dois anos do que os argentinos precisam", diz. Já Sarquis lembra que, por isso, a Argentina já perdeu boa parte do mercado no Brasil, que foi obrigado a recorrer a outros fornecedores.

Enquanto isso, no Banco Central, as expectativas se concentram na entrada dos "soja dólares". Mas a queda de preços e a antecipação de vendas acordada com produtores em 2014 têm frustrado o sonho de melhorar o nível de reservas. De acordo com o Centro de Exportadores de Cereais (CEC), nas 14 primeiras semanas de 2015, a liquidação de contratos de exportação de grãos somou US\$ 3,9 bilhões, 33% menos do que no mesmo intervalo do ano passado.

O país tem atualmente US\$ 31,5 milhões em reservas cambiais e está mergulhado num "default", sem acesso aos mercados internacionais. Mas a queda de braço com o campo promete continuar, mesmo que boa parte da atual colheita. "Temos trigo armazenado e por volta de junho ou julho deveremos começar a guardar outros grãos também para nos proteger da inflação", diz Del Solar.

E, enquanto ouvem com a atenção o que dizem os pré-candidatos à sucessão de Cristina Kirchner, que não pode concorrer à reeleição, os produtores tentam proteger seus silos-bolsa dos vândalos e seus canivetes. Sim, porque um silo-bolsa novo custa US\$ 570 na Argentina, mas remendá-lo sai por cerca de US\$ 800.

Cada vez maior, chinesa Cofco planeja abrir o seu capital. Gregory Meyer – Valor Econômico, Agronegócios. 22/04/2015

O chairman da chinesa Cofco revelou planos de transformar a empresa numa gigante global de capital aberto, reforçando a decisão do governo de Pequim de relaxar sua política de autossuficiência alimentar.

Em entrevista ao "Financial Times", o chairman da estatal, Ning Gaoning, afirmou que as importações de alimentos do país subirão de 120 milhões para 200 milhões de toneladas em uma década, na medida em que a população consome mais leite e carne. "Este é um período de transformação no país", disse ele. A dieta mais rica em proteínas puxou a busca de abastecimento para fora do país.

Os planos da companhia elevaram a competição com fornecedores estrangeiros que dominam o comércio global de grãos, como Cargill e ADM. "As pessoas me perguntam: vocês serão compradores ou competidores no futuro? Acho que cooperaremos, mas algumas vezes competiremos. E de maneira amigável". A Cofco gastou US\$ 3 bilhões em 2014 com aquisições no exterior.

Brasil compartilha experiências exitosas com países africanos. Tássia Navarro – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 23/04/2015

O ministro do Desenvolvimento Agrário (MDA), Patrus Ananias, e cerca de 70 ministros de países da África debateram nesta quinta-feira (23), em Adis Abeba, na

Etiópia, a construção de um futuro melhor para os africanos, conciliando o crescimento econômico com o desenvolvimento social e ambiental. Durante a reunião de ministros da Primeira Sessão do Comitê Técnico Especializado sobre Desenvolvimento Social, Trabalho e Emprego da União Africana (UA), Patrus apresentou as experiências do Brasil em políticas públicas de inclusão social.

O Brasil vem contribuindo há alguns anos com os países africanos. “Muitos países da África já adotam políticas sociais exitosas que nós adotamos no Brasil, como o Bolsa Família. Discute-se, hoje, na África, e esta é a razão deste encontro, a proteção social ou, em outras palavras, a inclusão social de tal maneira que os países africanos possam superar a fome, a desnutrição e a miséria, como fez o Brasil”, ressaltou.

Patrus destacou, ainda, o Programa Mais Alimentos Internacional, que visa acordos de cooperação com outros países. “O Brasil vende máquinas, tratores, implementos agrícolas, por preços e condições muito acessíveis. Com isso, estimula a produção agrícola, especialmente a familiar, e contribui também para a segurança alimentar e nutricional dos africanos”, observou. Além disso, o programa impulsiona a indústria brasileira de máquinas, uma vez que todos os equipamentos são nacionais.

Na avaliação do ministro, os recursos destinados às políticas públicas sociais, como o programa Bolsa Família, e de apoio à agricultura familiar são investimentos que geram retorno. “É importante que as políticas sociais sejam vistas na perspectiva dos direitos, dos direitos fundamentais, que são os direitos humanos incorporados na legislação dos países. É fundamental que a questão da alimentação, por exemplo, seja colocada no campo dos direitos”, afirmou.

A garantia dos direitos básicos por meio do Estado e das políticas públicas e seu papel na formação de cidadãos também foram salientados pelo ministro. “Além desses direitos fundamentais, consideramos importante que as políticas públicas contribuam na perspectiva do desenvolvimento das pessoas. Fazendo com que elas se tornem mais conscientes, responsáveis, solidárias e, com isso, dando também a sua contribuição para o bem comum e a justiça social que é sempre, seja no Brasil, seja na África, o nosso grande objetivo”, enfatizou.

Representantes de organismos internacionais como o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) e a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) também estiveram presentes no encontro.

Autoridade da ONU vê criminalização da imigração africana na Europa. Marina Dias – Folha de São Paulo, Mundo. 23/04/2015

Convidado pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva para um evento nesta quinta-feira (23) em São Paulo, o secretário-executivo da Comissão Econômica para África na ONU, Carlos Lopes, fez duras críticas à criminalização da imigração africana na Europa.

Lopes também defendeu o perdão das dívidas dos três países atingidos pelo ebola: Libéria, Serra Leoa e Guiné.

Durante a abertura do "Conselho África", organizado pelo Instituto Lula para melhorar as relações entre Brasil e África, Lopes afirmou que os 3 milhões de africanos que entram anualmente na Europa representam apenas 20% do fluxo imigratório do continente europeu.

Com Lula na plateia, o secretário-executivo comandou uma conferência de quase cinco horas, em um hotel na zona sul da capital paulista, para defender a tese de que as notícias sobre a África são sempre pessimistas e que a falta de informação esconde o crescimento pelo qual o continente tem passado nos últimos anos.

"Nossa situação econômica é invejável. Nos últimos 15 anos, duplicamos o PIB", disse o secretário.

Lopes pondera, porém, que são necessárias modificações estruturais na economia africana e que uma "industrialização que atenda o modelo atual" seja feita através do agronegócio e da transformação de matérias-primas.

Celso Marcondes, diretor de Instituto Lula, disse ao final do encontro que o conselho será formado por representantes de movimentos sociais, como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra), organizações como a Unicef e os Médicos Sem Fronteiras.

Também participarão ex-ministros do governo Lula, como Franklin Martins (Comunicação Social) e Celso Amorim (Relações Exteriores).

Em seu discurso para encerrar o evento e dar posse ao conselho, Lula reiterou que uma de suas prioridades sempre foi discutir a África e melhorar as relações do continente com o Brasil.

Cargill eleva investimentos no Brasil. Fernando Lopes – Valor Econômico, Agronegócios. 24/04/2015

Embalada por aumentos de receita e lucro no Brasil em 2014, a americana Cargill, maior empresa de agronegócios do mundo, acelera o passo para concluir, em 2015, um plano de investimentos de R\$ 1,2 bilhão que tende a fortalecer a subsidiária local como uma de suas principais fontes de resultados entre os quase 70 países nos quais mantém operações diretas.

Deflagrado no início de 2014, o plano, bienal, contabilizou aportes de R\$ 640 milhões até dezembro. Restam, portanto, R\$ 560 milhões, que estão sendo aplicados em diferentes frentes de negócios e também marcarão as comemorações dos 50 anos de atividades da companhia no país. Fundada em 1865 em Conover, Iowa, por William Wallace Cargill, a múlti aportou no Brasil em 1965.

Sem ações negociadas em bolsa e controlada por um grupo de cerca de 100 membros das famílias Cargill e MacMillian, descendentes do patriarca W.W., a Cargill não dá sinais de que pretenda mexer em nenhum dos pilares básicos que em 150 anos a sedimentaram como a líder global de um setor cada vez mais concorrido, sobretudo a partir do recente avanço de tradings asiáticas cada vez mais voltadas a produtos agrícolas.

Nesse sentido, ganham força os investimentos da empresa para otimizar o escoamento dos produtos originados no Brasil com destino ao mercado externo, como a ampliação do terminal portuário de Santarém e a implantação de uma estação de transbordo em Miritituba. Os projetos desenvolvidos no Pará estão recebendo aportes de R\$ 240 milhões e R\$ 200 milhões, respectivamente.

Com capacidade para escoar 2 milhões de toneladas de grãos por ano, o terminal de Santarém está sendo ampliado para 5 milhões. Os trabalhos tiveram início em maio de 2014 e deverão estar concluídos no terceiro trimestre deste ano. Parte do aumento do volume previsto chegará ao terminal por via fluvial graças à estação de Miritituba, que recebeu licença de instalação em novembro e deverá ficar pronta em 2016.

"A concorrência está acirrada e a busca por eficiência tem que ser constante e diferenciada. São grandes empresas na disputa, e produtores e consumidores ganham com isso", afirma Luiz Pretti, presidente da Cargill no Brasil. O executivo está na empresa desde 2005, quando se tornou o primeiro diretor financeiro brasileiro da subsidiária, e hoje também é membro do comitê mundial de risco da companhia, cuja sede há tempos é em Minneapolis, no Estado americano de Minnesota.

Em meio a uma corrida movida por aportes em logística e também definida por "boas brigas" na originação dos diferentes produtos agrícolas movimentados pela empresa - especialmente grãos - e pela necessidade de elevar margens com a venda de produtos de maior valor agregado, Pretti não esconde sua satisfação com os resultados obtidos pela operação brasileira em 2014.

Conforme balanço recém-concluído, a receita líquida da Cargill no país alcançou R\$ 26,2 bilhões no ano passado, 5,6% mais que em 2013, enquanto o lucro líquido cresceu expressivos 26% na comparação, para R\$ 481 milhões. Parte desses resultados ajudaram a múlti a encerrar os nove primeiros meses de seu atual exercício, em 28 de fevereiro, com vendas globais consolidadas de US\$ 92 bilhões e lucro líquido total de US\$ 1,6 bilhão, 13% maior que em igual intervalo do exercício anterior.

Os patamares mais elevados das cotações internacionais dos grãos no primeiro semestre do ano passado colaboraram para a elevação da receita da múlti no Brasil em 2014, enquanto a posterior queda dos preços beneficiou as margens de processamento de produtos como soja e milho. "Mas os números também mostram que nossos investimentos estão dando frutos", afirma Pretti.

Além dos aportes em logística no Pará, o presidente da subsidiária brasileira realça que estão sendo aplicados R\$ 240 milhões na ampliação da unidade de processamento de soja de Três Lagoas, em Mato Grosso do Sul, e lembra que foram concluídas as expansões das plantas de Mairinque, em São Paulo, e de Itumbiara, em Goiás, que fortaleceram a oferta de óleos vegetais especiais da empresa. Esses óleos são vendidos no país com as marcas Liza, Purilev e Mazola.

Na lista de Pretti também constam os cerca de R\$ 450 milhões empregados na primeira biorrefinaria de processamento de milho da Cargill no país, inaugurada em 2014, e a ampliação, por R\$ 15 milhões, da capacidade da linha de ácido cítrico da fábrica de Uberlândia, em Minas Gerais. O ácido cítrico é fornecido para clientes dos setores de alimentos, bebidas e limpeza, entre outros.

Outras duas iniciativas importantes da companhia ganharam forma no ano passado: a primeira foi a criação da trading de açúcar Alvean, joint venture dividida em partes iguais com a Copersucar; a outra foi o estabelecimento da SJC Bionergia, em parceria com a USJ, que está desenvolvendo um projeto de R\$ 160 milhões para a produção de etanol a partir do milho em Quirinópolis, em Goiás. Na SJC, Cargill e USJ têm participações de 15% cada e os 70% restantes estão nas mãos da Finep.

Entre os diversos projetos que fazem parte do plano bienal de investimentos da Cargill no Brasil, o que tem exigido menos aportes é considerado um dos mais estratégicos. Segundo Solange Ferreira, controller da multinacional na América Latina, com o Centro de Serviços Compartilhados situado em Uberlândia, Minas Gerais, a companhia está concentrando quatro grandes funções no Brasil: financeira, compras, informática e recursos humanos.

"O objetivo é melhorar nossos processos e ganhar eficiência", diz Solange, que está há 29 anos na Cargill e foi a primeira mulher a trabalhar na área financeira da companhia no Brasil. Já trabalham no centro mineiro cerca de 100 funcionários, número que deverá crescer para 250 até o fim de 2015. E essa otimização ganha peso em tempos de queda dos preços das principais commodities movimentadas pela empresa e das muitas incertezas que cercam a economia brasileira.

Os efeitos dessa conjuntura mais adversa já começaram a aparecer. Segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex/Mdic), as exportações da Cargill a partir do Brasil renderam US\$ 791,3 milhões no primeiro trimestre deste ano, 20,5% menos que em igual intervalo de 2014. Parte dessa queda será compensada com o aumento dos volumes de grãos embarcados, já que, de janeiro a março, a disponibilidade de soja era mais baixa por causa de um atraso na colheita e a greve dos caminhoneiros em fevereiro também prejudicou o fluxo de escoamento. Mas, por outro lado, nada indica que os preços vão subir de forma expressiva ao longo dos próximos meses.

Pretti também reconhece que o consumo de produtos mais sofisticados no varejo doméstico já não é mais o mesmo, uma tendência que não era observada em 2014. Mas, segundo ele, o cenário não é tão grave a ponto de reduzir a importância do Brasil no tabuleiro global da multinacional americana.

União Européia se aproxima da Monsanto com aprovação na importação de transgênicos – Site da Carta Maior, Meio Ambiente. 30/04/2015

Advogados ambientalistas dizem que autorização irá fomentar outras indicações de políticas pró-indústria pendentes de acordo comercial

O corpo executivo da União Européia aprovou na última sexta-feira a importação de 19 GMO'S (Organismos geneticamente modificados), provocando críticas de advogados ambientalistas que dizem que a ação é um presente às corporações e um tapa na cara da democracia.

De acordo com uma declaração da Comissão Européia, sete das autorizações são para renovações, dez são para novos alimentos e ração de animal e duas são para flores de

corde. Dentre os produtos estão milho, soja, algodão, canola e cravos. Onze dos produtos são feitos pela Monsanto.

A declaração ainda diz que os produtos receberam aprovação favorável pela Autoridade Europeia de Segurança Alimentar (EFSA), e que as autorizações são para um período de 10 anos.

A aprovação dos importados segue uma proposta da Comissão ainda dessa semana para permitir que os estados membros só possam banir as importações dos GMO'S com base em impactos sócio-ambientais ou interesse público.

Dentre as críticas das ações da última sexta-feira está o fato de que a maioria dos residentes já disse que não quer os transgênicos.

Franziska Achterberg, diretora de políticas alimentares do Greenpeace UE, disse que a decisão do presidente da Comissão Europeia Jean-Claude Juncker “somente confirma que ele não tem a menor vontade de trazer a UE mais perto de seus cidadãos. Ao invés, ele está se movendo mais próximo dos EUA e da Monsanto.”

Achterberg também denunciou a proposta ainda esta semana, dizendo que com ela, o líder da Comissão “quebrou sua promessa de mudar as regras que forçam as plantações geneticamente modificadas para dentro do mercado da UE mesmo se a maioria dos países se opõe a isso.”

O porta-voz da segurança alimentar para o Partido Verde no Parlamento Europeu, Bart Staes, também repreendeu a ação, declarando: “Dar o aval para esses transgênicos é uma afronta à democracia: a maioria dos estados membros da UE votou contra a autorização de quase todos os transgênicos no Conselho e há uma maioria clara e consistente de cidadãos da UE que dizem não aos transgênicos. É ainda uma pancada maior na democracia o fato de essas aprovações terem sido continuadas por um procedimento simples e opaco, ao invés de uma decisão formal da Comissão.”

“Cidadãos europeus não querem transgênicos,” continuou Staes. A Comissão deve parar de ignorar esse fato. Precisamos de um esquema de autorização da UE que tome conta dessa oposição e estamos preocupados que as propostas dessa semana da Comissão meramente foquem em tornar a autorização dos transgênicos fácil em nível da UE ao fornecer aos estados membros uma legal, porém duvidosa, opção de saída.”

Achterberg disse ainda que a aprovação pró-corporação prefigura perigos que o acordo Transatlântico de Parceria E Investimento (TTIP) entre os EUA e a UE irá trazer. Juncker “abriu as comportas para uma nova onda de plantações de transgênicos somente para agradar as corporações e negociadores americanos. Isso é o TTIP em ação,” ela adicionou.

Ecoando Achterberg, Staes alertou que “parece que a Comissão está pondo seus dedos em seus ouvidos e fazendo as apostas das corporações de biotecnologia. No entanto, essa aproximação aos transgênicos também devem ser vistas no contexto UE-EUA. As negociações do TTIP e a campanha longa de inserção dos transgênicos no mercado da União Europeia.”

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Armando Fornazier, Catia Grisa, Claudia Job Schmitt,
Fábio Luiz Búrigo, Georges Flexor, Jorge Romano,
Karina Kato, Lauro Mattei, Leonilde Medeiros,
Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf,
Silvia Zimmermann, Valdemar João Wesz Junior

Assistentes de Pesquisa

José Renato S. Porto

Secretária

Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

cpda **Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais**
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 - r. 214

Fax: 21 2224 8577 - r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa